

NO TEMPO em que as andorinhas tinham teto próprio em Campinas.
Correio Popular, Campinas, 8 maio 1973.

No tempo em que as andorinhas tinham teto próprio em Campinas

Correio Popular 8.5.73



“Campinas teve as suas andorinhas. A tarde, quando chegavam, para buscar abrigo no velho casarão do mercado municipal (que a cidade lhes ofertou como albergue) constituíam um espetáculo. Ruy Barbosa tentou descrever a cena da revoada de retorno, quando, em 1914, passou uma temporada na fazenda Rio das Pedras, do seu primo, conselheiro Albino Barbosa de Oliveira. Foi levado a assistir a maravilhosa cena da massa inquieta que baixa das alturas “rumorejando, oscilando, flutuando rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvale pelos tetos do casário e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhando e restrugindo, com o estrepito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e granidos às dezenas de milhares, pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbuhante, por sobre o largo telheiro abandonado, que essa aérea multidão erradia elegeu entre nós para seu abrigo

nas calidas noites de verão”.

Esse é um trecho de uma nota escrita pelo “O Estado de São Paulo, a propósito de uma notícia procedente de Jussara, uma cidade de menos de 30 mil habitantes situada ao norte do Paraná, onde foi cor-

tada propositadamente as seringueiras da praça principal da localidade, onde pernoitavam 20 mil andorinhas”.

Prossegue o articulista:

A antiga “Princesa do Oeste”, entretanto, cresceu demasiadamente e as avezinhas sentiram que ali não

mais havia lugar para a poesia. Migraram, o que é uma forma menos sentimental de dizer que partiram. Durante anos e anos os campineiros as esperavam de volta, com o velho mercado sem modificações, sonhando com as suas andorinhas.

Em Jussara, agora, vê-se o contraste. O subdesenvolvimento projeta-se em um plano que não tem explicação. É de se imaginar a angústia das pobres aves sem orientação, condenadas a voar, a voar, quem pode saber para onde, ou até quando?

Diz-se que os chineses fizeram assim com os pardais. Grupos impediam que pousassem, e, quando caíam exaustos, eram liquidados por outros grupos — a pauladas.

Os chineses, porém, alegavam que o problema era de concorrência na alimentação uma vez que os pardais contribuíam para que houvesse fome. Mas, qual a desculpa para essa crueldade, das autoridades de Jussara, cidade de menos de 30 mil habitantes, do norte do Paraná?